



Escritório da NIMA, na PUC-Rio

Por uma universidade sustentável

Projeto iniciado pelo Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (NIMA), na PUC-Rio, pretende cumprir uma agenda ambiental e implementar uma reeducação cultural entre os alunos

Caio Kuhner e Natalia Furtado

Qualquer aluno, funcionário ou frequentador da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), uma vez que se depare com a estrutura da universidade, pode se chocar. Afinal, trata-se de uma instituição com fortes semelhanças a um bairro ou uma ci-

dade pequena. O *campus* é enorme, e vem acompanhado de restaurantes, uma igreja, prefeitura, lanchonetes, ruas, um rio, estacionamento e ambulatório. Porém, quanto maior a área e com a quantidade de pessoas que passam por ele, maior também é a produção de lixo na universidade.

Segundo dados da prefeitura da PUC-Rio, cerca de 20 mil pessoas passam pelo *campus* por dia. Portanto, a geração de lixo da universidade



Varrer a dolhas que caem das árvores parece uma tarefa sem fim

“Acho que a estrutura da PUC-Rio é muito boa, temos muitas lixeiras, é difícil alguém jogar lixo no chão com essa quantidade enorme delas”

Lucas Mendes

poderia ser facilmente comparada com a de um bairro, e isso significa muito trabalho na coleta de resíduos. A questão, porém, não é o volume de lixo, mas sim uma reeducação cultural dessas pessoas que passam pela universidade todos os dias, como explica a supervisora de serviços gerais da PUC-Rio, Sílvia Murtinho. “Sou moradora do Leblon, e me orgulho por ver uma repressão educativa e positiva em relação ao lixo no meu bairro. Se alguém joga lixo na rua, quem está passando por perto, alerta a essa pessoa para que o lixo não seja deixado ali. Essa é a essência do que queremos para a PUC-Rio”, afirmou.

A reeducação cultural da universidade passa por um projeto desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar do Meio Ambiente, o NIMA. Patrocinado pelo Banco Santander, ele está sob supervisão

do coordenador do departamento de Engenharia Ambiental, José Araruna e prevê a coleta seletiva. Segundo Mariana Carvalho, uma das colaboradoras do projeto, as lixeiras coloridas, que correspondem a determinado tipo de lixo, já estão sendo compradas e a ideia é colocá-las em toda PUC-Rio, começando pelo edifício Kennedy. “Serão lixeiras com aberturas próprias, de 100 litros e com cartazes de orientação. Ao lado delas, também colocaremos duas lixeiras menores para separação tampas/garrafas e despejo de líquidos” explicou Mariana.

Um dos segmentos do projeto prevê também aulas para os funcionários da SodeXo, empresa prestadora de serviços para a universidade, que jamais fizeram uma coleta seletiva. Por se tratar de uma empresa terceirizada, os funcionários poderiam se sentir auditados. Portanto, segundo Mariana, serão escolhidos três representantes da companhia para orientar os demais. Outra opção idealizada por Araruna é a utilização dos seus próprios alunos para fiscalizarem as lixeiras e orientarem os usuários.

Uma das principais motivações do desenvolvi-



Lixeira quase completa, por isso trabalha-se o tempo todo

mento deste projeto visa o cumprimento da agenda ambiental da PUC-Rio, que segundo o NIMA, possibilitaria que a universidade se transformasse de fato em um espaço sustentável. As metas estão ligadas à biodiversidade, água e energia, materiais e resíduos, e educação ambiental. Todo o planejamento para a execução do projeto teve orientação direta do próprio reitor da PUC-Rio, padre Josafá Siqueira SJ, que é um ambientalista e vê o lixo da universidade como uma preocupação pessoal. O fato de o reitor ser botânico também o ajuda no cuidado com os jardins e a vegetação do *campus*. É normal serem vistas plaquinhas colocadas nas árvores que estão sendo cuidadas por ele.

Uma das colaboradoras do projeto é Patrícia Caroline Guedes Gomes, que fez uma tese de mestrado chamada “Diagnóstico dos Resíduos Sólidos da PUC-Rio”, apresentada ao curso de especialização em Engenharia Urbana e Ambiental, e que está disponível no departamento de Engenharia Civil da PUC-Rio. Segundo ela, esta reeducação cultural das pessoas que geram o lixo da universidade, não se restringe somente à conscientização, mas também

a um equipamento urbano que pudesse melhorar a coleta do lixo.

O destino do lixo

Para entender o projeto do NIMA é necessário conhecer melhor o caminho do lixo da universidade. Segundo a supervisora Sílvia Murtinho, existem 230 funcionários da SodeXo, envolvidos de alguma forma com o lixo, mas só alguns diretamente na coleta. Este grupo é dividido em três turnos e trabalha geralmente até às 22 horas, com exceção de alguns responsáveis pelo depósito do lixo, que trabalham até o fechamento da universidade, à meia noite. O trabalho deles é elogiado por Lucas Mendes, estudante de direito. “Acho que a estrutura da PUC-Rio é muito boa, temos muitas lixeiras, é difícil alguém jogar lixo no chão com essa quantidade enorme delas. Além disso, vemos muitos faxineiros trabalhando o dia todo. A universidade lida bem com o lixo, deixando-a esteticamente muito bonita e agradável para se estudar”, orgulha-se.

Os faxineiros que lidam diretamente com o lixo são designados a uma área específica, como ba-



Pilotis Kennedy o que produz mais lixo



Pilotis Cardeal Leme o que produz menos

nheiros e estacionamentos. Lúcia Moreira, por exemplo, é responsável pelos pilotis do prédio Kennedy. Sua função é a coleta de lixo das 12 às 14 horas, de 15 às 17, e depois de 21 às 21:45. Ela se assusta com a quantidade de lixo que é produzida nos pilotis, e diz que tem de trabalhar muito para mantê-lo limpo. “Trabalho na coleta o dia todo. Os pilotis do Kennedy é uma das áreas com o maior volume de lixo, por causa dos eventos que têm por aqui”, conta Lúcia.

A opinião dela é corroborada pelos faxineiros responsáveis pelos pilotis do prédio Cardeal Leme e também do RDC. “Aqui no Leme é mais tranquilo, quando trabalhei lá no Kennedy notei a diferença. Tem mais lixo mesmo”, afirma Sérgio Nascimento, responsável pela coleta nos pilotis do Leme.

Após os períodos de trabalho, os faxineiros são orientados a juntar os sacos embaixo das escadas dos próprios pilotis, de onde rapidamente são levados para a máquina compactadora por um outro faxineiro, responsável unicamente por isso. Os restaurantes como FastWay e o bandejão são responsáveis pelo próprio lixo. Os funcionários da PUC-Rio são orientados apenas a buscar o lixo já colocado nos sacos para levar até o depósito. Segundo a administradora do bandejão, Maria Antonia dos Santos, a maior parte do lixo do restaurante é comida. Isso se explica com o esquema de pagamento de um preço fixo para que o cliente coma o quanto quiser. A falta de conscientização está presente também nessas circunstâncias, pois, segundo Maria, muita comida é desperdiçada, enquanto muita gente ainda passa fome nas ruas.

Com o lixo colocado do lado de fora, cabe aos

funcionários levarem os sacos até o depósito, que se localiza no estacionamento da universidade. A estrutura é a seguinte: são dois reservatórios de lixo, a caixa compactadora e a caixa aberta. O funcionário Paulo Trindade é o principal responsável pelo desmanche dos sacos e caixas de lixo. A caixa compactadora recebe os resíduos de restaurantes, banheiros e chãos varridos – tudo que possa ser compactado – e também material orgânico que apodrece e causa mal cheiro. A caixa aberta, que tem 30 metros cúbicos recebe restos de ferro, madeira, garrafa. Alguns alunos não disfarçam o desconforto com a localização dos reservatórios, como Felipe Galvão, de 23 anos, estudante de Comunicação. “O lugar não é o ideal, é no meio do estacionamento, fica aquele cheiro insuportável, alta concentração de mosquitos, além de outros animais. Não dá pra parar o carro perto porque fica impregnado. Além disso, é feio, deveriam colocar os reservatórios em outro lugar”, indigna-se.

O que é reciclado na universidade é o papel. Esta separação é feita também por Trindade, que nomeia quatro tipos a serem separados: papelão, papel jornal, branco e misto – aquele que ele não conseguiu separar. Esta é a única separação de lixo feita atualmente pela universidade. Segundo a supervisora Silvia Murtinho, a ordem em todo começo de período nos departamentos é de fazer essa separação do papel. O destino desse papel cabe a Ezequiel Cunha, funcionário de uma empresa privada. É ele quem recebe o lixo do depósito da PUC-Rio. Segundo Murtinho, o objetivo da universidade é fazer o melhor possível para que o lixo chegue bem às mãos de seu Ezequiel.



As árvores no campus da PUC-Rio recebem placas indicativas

Silvia Murtinho se refere às demais coletas de lixo como “sofisticadas”. Embora elogie a estrutura da PUC-Rio, ela sabe que ainda não existe uma coleta seletiva, característica de bairros como Leblon ou uma coleta de qualidade como nos moldes europeus. No caso do Leblon, Murtinho acredita que o povo atingiu uma educação, assim como na Europa, onde a população contribui com a coleta, separando seu próprio lixo em sacos plásticos. Isso serve de inspiração para o que a universidade pretende implementar, com projetos do NIMA e do Centro Técnico Científico. “Melhor do que o que fazemos só mesmo numa cooperativa, que tem separação de até 27 tipos de lixo. A PUC-Rio faz o melhor possível, mas todas as boas coletas de lixo são a base de nossos projetos para o futuro”, encerra Murtinho.

Falta de compromisso dos alunos

Tornou-se normal na universidade ver casos de total desleixo em relação ao lixo. Garrafas

pets enfiadas em árvores, adolescentes rasgando folhas de caderno e largando no chão e até rolos de papel higiênico jogados inteiramente na privada são exemplos que assustam. A PUC-Rio inclusive está cogitando colocar pessoas para vigiarem as portas dos banheiros. Avisos de como se comportar em relação ao lixo também estão sendo redigidos. Essas são algumas das medidas para melhorar o descuido dos alunos da universidade.

A falta de compromisso dos alunos rendeu marcas na estrutura das lixeiras da universidade. Durante anos, tiveram algumas separadas para receberem determinados tipos de lixo. Porém, isso nunca adiantou, pois na hora em que eram abertas, os diversos tipos estavam misturados em todas as lixeiras. As lixeiras seletivas foram retiradas para reforma e, segundo Silvia Murtinho, elas só retornarão dependendo do sucesso do projeto do NIMA, que pretende mobilizar toda a universidade.

